



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de anúncio do programa de Interiorização da Universidade Federal do Piauí e expansão do campus de Parnaíba

Parnaíba-PI, 22 de fevereiro de 2006

Meus queridos companheiros e companheiras do estado do Piauí, da cidade de Parnaíba,

Eu nem vou tirar essa comenda porque ela é tão bonita. E é com muito orgulho, Wellington, que eu recebo essa comenda e com muito mais orgulho ainda que eu ouvi o teu relato e o relato do Prefeito da cidade, do que o governo federal está fazendo pelo Piauí.

Eu conheço o Piauí desde 1980. Por aqui já andei de ônibus muitas vezes para tentar ajudar o movimento sindical, para tentar ajudar o movimento social, para tentar ajudar o meu partido. E já participei da campanha de muita gente aqui. E quero dizer a você, Wellington, quero dizer aos prefeitos aqui presentes, que um presidente da República que queira deixar o seu mandato com a consciência tranqüila do dever cumprido, ele precisa governar a partir dos mais pobres. Embora ele possa ser o presidente de todos, o governador de todos, o prefeito de todos, eu sigo sempre o exemplo de uma mãe. Uma mãe, não tem nada mais responsável do que uma mulher com seus filhos. E se ela tiver dez filhos e tiver um mais frágil, é àquele que ela vai dedicar maior atenção, mais tempo e muito mais esforço.

É assim que o governo tem que proceder. Não apenas com a razão da sua consciência, mas com a emoção do seu coração, para que ele possa cuidar de quem precisa ser cuidado. Então, o que nós fazemos pelos estados independe de ser Piauí ou ser São Paulo. Eu dizia ao governador Wellington, que o estado de São Paulo, que é o mais rico da Federação, só de programas



sociais o meu governo passa para o estado de São Paulo, 2 bilhões de reais por ano, para cuidar dos pobres de São Paulo, porque na maioria dos estados, Wellington, os governadores não têm programa social, na maioria dos estados são poucos os que têm. E nós temos porque achamos que é assim que tem que ser. Não basta dizer que a economia está crescendo, é preciso dizer que o crescimento está indo para onde, porque o Brasil já cresceu durante muitos anos a 7% ao ano, a 10% ao ano. E o que aconteceu é que o rico ficou mais rico e o pobre continua mais pobre.

Nos nossos três anos de governo os últimos dados da PNAD demonstraram o quê? Que em apenas 24 meses nós reduzimos no Brasil, três milhões de pessoas saíram da linha da pobreza porque passaram a ter um rendimento mínimo, a tomar café de manhã, almoçar e jantar. Isso ainda é pouco. Nós precisamos fazer muito mais.

Mas então eu queria dizer que eu fico agradecido a você, ao Prefeito, pela honestidade, pela sinceridade com que falaram aqui, porque não são todos os governadores que colocam as coisas que o governo federal faz na sua propaganda ou nos seus discursos. Tem muitos espertos no Brasil que recebem dinheiro do governo federal e faz propaganda na televisão como se o dinheiro fosse dele, como se a obra fosse dele, sem citar sequer o dinheiro do governo federal. Portanto, eu quero agradecer a honestidade, a sinceridade tua, por obrigação, porque é do meu partido. Mas o Prefeito, que eu só tive o prazer de conhecer hoje, demonstrou para mim, que quem tem caráter fala a verdade, quem não tem caráter mente.

Mas eu quero – voltando à liturgia do cargo – cumprimentar o meu companheiro Wellington Dias, governador do estado do Piauí,

O meu ministro da Educação, Fernando Haddad,

O meu companheiro Tarso Genro, ex-ministro da Educação,

Quero cumprimentar o senhor Osmar Júnior, vice-governador do estado do Piauí,

Quero cumprimentar o deputado Themistocles Filho, presidente da



Assembléia Legislativa do Piauí,

Quero cumprimentar o nosso querido amigo, senador Alberto Silva,

Quero cumprimentar os deputados Nazareno Fonteles, Paes Landim,
Simplício Mário,

Quero cumprimentar José Hamilton Castelo Branco, prefeito de
Parnaíba, o nosso querido Zé Hamilton,

Quero cumprimentar o nosso querido Luiz de Sousa Santos Júnior,
magnífico reitor da Universidade Federal do Piauí,

Quero cumprimentar o professor José Duarte Baluz, diretor do Campus
Ministro Reis Velloso de Parnaíba,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Gustavo Petta,
presidente da União Nacional dos Estudantes do Brasil,

Quero cumprimentar os deputados estaduais, os prefeitos da região,

Quero cumprimentar os educadores deste país, os professores, os
estudantes,

Quero cumprimentar os jornalistas.

Eu não vou fazer discurso, eu vou apenas... como já faz tempo que o
nosso ministro da Educação falou, e eu tenho medo que vocês já tenham
esquecido o que nós viemos fazer aqui, eu vou repetir. Eu vou repetir, porque
senão alguns companheiros da imprensa vão dizer que eu estou fazendo
campanha. Eu queria dizer para vocês o seguinte: um homem público não
precisa de época de eleição para fazer campanha. Ele faz campanha do dia em
que acorda, da hora em que acorda à hora em que dorme, 365 dias por ano.
Segundo, se ele não fizer, os adversários farão, porque os adversários só se
incomodam quando você está fazendo as coisas certas. Quando você está
fazendo as coisas erradas, eles não se incomodam, eles colocam na
propaganda de televisão deles, eles falam mal do governante, seja do prefeito,
do governador ou do presidente, porque é mais fácil destruir do que construir.

Eu perguntava para o Prefeito há quanto tempo estão plantados estes



eucaliptos aí? Possivelmente há cinco anos, seis ou mais. Agora, para destruir um eucalipto deste, que nós esperamos alguns anos para fazer uma sombra, basta pegar uma moto-serra e, em 30 segundos, a gente derruba uma árvore desta. Às vezes o pobre constrói um quarto e cozinha e vem um temporal, ele demorou 10 anos para construir e vem um temporal que, em um minuto, acaba com a casa e acaba com a família. Hoje a gente vê na televisão a implosão de um prédio que levou anos para ser construído, ser derrubado em dois minutos. Agora, para construir é difícil. Para construir você tem que semear, você tem que regar e você tem que ter paciência de esperar brotar, nascer, crescer para você poder colher.

E o que é que nós estamos fazendo? Nós amargamos o pão que o diabo amassou no primeiro ano de governo e comemos o pão silenciosamente. Vocês nunca me viram falar mal de ninguém, de nenhum adversário, porque eu não fui eleito para falar mal deles. Eu fui eleito para fazer aquilo que eu acreditava que era preciso fazer neste país. E hoje nós plantamos e quem está colhendo? É o povo brasileiro que está colhendo aquilo que nós plantamos.

Então, nós não estamos preocupados com o discurso fácil daqueles que querem destruir, daqueles que governaram este estado durante décadas e nunca se importaram que este estado só aparecesse na imprensa do Brasil como o estado mais pobre da Federação. Nunca se preocuparam. É por isso que eu sinto o respeito que vocês têm por um homem de 80 anos com a cabeça de 40, como tem o senador Alberto Silva.

É por isso que eu sinto o respeito de vocês por um prefeito que vocês acabaram de eleger para não deixar a cidade ser destruída. É por isso que eu sinto o carinho de vocês por este menino, porque posso chamá-lo de menino, o Wellington, que pegou este estado aqui, e vocês sabem a herança que ele recebeu, vocês sabem que passou um *tsunami* neste estado antes dele governar. Passou e ele teve paciência, teve que ter a crença em Deus e muita fé, muita compreensão da sua mulher e dos seus filhos, às vezes a incompreensão de companheiros, porque nós também temos gente no nosso



meio que é aquela pessoa que só é amiga quando as coisas estão boas e a mesa está farta, mas quando as coisas não estão boas e a mesa não está farta, ela vira as costas para a gente e é a primeira a criticar.

Eu digo sempre que a gente conhece quem é amigo da gente quando a gente está vivendo uma situação grave. Quando a gente está bem, a gente não precisa de amigo, quando a gente está trabalhando, não precisa de amigo. A gente precisa de amigo quando a está doente, internado num hospital, a gente quer saber quem é que gosta da gente e quem é amigo da gente. E são com esses amigos, Wellington, que a gente vai vencer, são com esses amigos que a gente vai governar este país e são com esses amigos que você está colhendo hoje o que você plantou.

Eu não esqueço nunca, eu tinha 15 dias ou menos de governo, eu vim ao Piauí, e quando eu cheguei ao aeroporto do Piauí, eu vi uma greve contra o Wellington, uma passeata de protesto de companheiros nossos. E eu voltei para casa pensando: meu Deus do céu, esse rapaz não tem nem dez dias de governo e as pessoas já estão cobrando dele como se ele tivesse dez anos. É como se a gente tivesse um filho e na hora em que ele saísse da barriga da mãe, a gente já quisesse que ele saísse andando, correndo e falasse papai e mamãe. Tem que ter paciência.

Quem planta, e os lavradores brasileiros sabem disso, tem que ter paciência, porque às vezes alguém passa em cima do roçado da gente, a semente está enterrada e as pessoas falam: “aqui não tem nada, isso não vai dar em nada, isso não presta.” Aí nasce o primeiro brotinho: “ah, mas é fraquinha, não vai dar nada, não vai crescer.” E quando dá o fruto, eles querem chupar no lugar da gente. Não. Esses frutos são de vocês, esse fruto é do povo brasileiro, esse fruto é da parte mais pobre da população brasileira, porque aqueles que não são tão pobres agüentam. Quem não tem fome, quem está de barriga cheia, quem toma café da manhã, almoça e janta, pode esperar, mas quem está vendo a lombriga maior comer a menor, não espera, não tem tempo de esperar.



Então, meus companheiros, eu estou aqui feliz, porque viemos anunciar, não uma fábrica, uma fábrica de mandioca, uma fábrica de roupa, nós viemos anunciar uma extensão de uma fábrica de inteligência, uma fábrica de conhecimento, uma fábrica de capacitação do nosso povo, do nosso homem e da nossa mulher, do pobre brasileiro, do estudante filho de família pobre, que sabe que não tem oportunidade de fazer universidade. Nós viemos dizer, meu querido jovem: “Não perca a sua esperança, porque educação é obrigação do Estado.” Independente da origem social, você tem que ter direito à escola de qualidade, do ensino fundamental à universidade.

E é por isso que nós estamos aqui, Prefeito, na sua querida Parnaíba. E eu estou chateado porque eu venho aqui desde 80, é a primeira vez que visito Parnaíba. Eu vou levar essa mágoa dos companheiros do meu partido aqui, porque só me levavam para Picos, para Oeiras, para Floriano, e aqui, que tem praia nunca me trouxeram, mas hoje eu me vinguei deles, levantei às 5:30h da manhã e às 6:30h da manhã, sem chamar o Wellington, eu fui para a praia sozinho, tomar um banho de praia. Pois bem, mas não é só o Piauí não, eu vou ao Rio de Janeiro há mais de 30 anos, eu nunca consegui colocar os pés na praia de Copacabana, porque é só reunião, reunião. Meus Deus do céu, tem que ter uma hora de lazer, tem que ter uma hora de prazer, senão a gente morre. Mas sempre tem a primeira vez.

Foi bom, viu Prefeito, foi uma pena que eu levantei muito cedo e não tinha nem um homem e nem uma mulher na praia, só eu. Então, na outra vez, quando eu não for mais presidente, aí eu vou entrar na praia às dez horas da manhã e aí vou encontrar a praia cheia de gente.

Mas eu queria repetir para vocês, porque para mim esses dados são muito significativos, ou seja, na verdade o que nós estamos fazendo aqui é a criação de campus do Bom Jesus, de Picos e de Parnaíba. Ao todo nós vamos começar criando poucas vagas, vão ser 50 em cada curso, mas já para o ano que vem vão ser 100 em cada curso. E nós vamos criar novos cursos, nós vamos criar depois... serão criados os cursos. Nós vamos começar com o



curso de turismo, que é muito importante para esta região; engenharia de pesca, que é muito importante para esta região, e ciências biológicas. A partir de 2007, nós vamos começar a criar biomedicina, fisioterapia, psicologia e licenciatura em matemática, com 100 vagas cada um. Depois, quando os cursos estiverem plenamente implantados, a gente vai estar atendendo a dois mil e 500 alunos aqui, nesta região.

Poderia dizer para vocês: por que nós estamos fazendo isso? E eu estou vendo uma moça com uma placa ali dizendo: melhorias para a educação infantil. E a placa dela, não sei se ela é educadora, esta placa tem razão de ser, porque não adianta a gente criar universidade se na base a criança não for bem formada para fazer a universidade. É por isso, minha querida educadora, que nós mandamos para o Congresso Nacional a lei do Fundeb, Fundo Nacional de Educação Básica. Essa lei já foi aprovada na Câmara, ela está no Senado e, certamente, o senador Alberto Silva vai brigar para que ela seja aprovada logo para que a gente possa colocar, já este ano, no Orçamento, mais 1 bilhão e 300 milhões para a educação. Mas este ano, educadora – permita-me chamá-la só educadora, porque não sei o seu nome – mas, Fernanda, este ano, professora Fernanda, este ano nós fizemos um projeto de lei, que já foi aprovado e que eu já sancionei, que aumenta para nove anos o tempo de permanência na escola das crianças brasileiras.

Por que é que nós fizemos isso, Wellington? Para garantir que a criança pobre, quando completar seis anos, já possa entrar na escola, porque antes só entrava na escola com seis anos quem tinha família que pudesse pagar uma escola particular para fazer uma pré-escola. E uma criança que estuda um ano antes de completar os sete anos e entra no ensino fundamental, junto com outra que nunca tinha entrado na escola, vai dar a impressão que aquela que nunca tinha estado na escola é burra e que a outra é inteligente. Negativo. As duas são inteligentes, só que uma teve mais oportunidade que a outra e nós queremos dar oportunidade para que as pessoas pobres possam estudar.



Agora, o que significa isso? O que significa este investimento em educação? São quatro universidades novas, são seis faculdades que estamos transformando em universidades e já são 41 extensões universitárias, tirando as universidades das capitais e levando braços delas para o interior do país para garantir que o jovem do interior não tenha que andar 500 quilômetros ou 600 para estudar. Não é o jovem que tem que andar o Brasil atrás da universidade, é a universidade que tem que andar atrás do jovem, onde ele estiver, para que ele possa estudar.

E eu faço isso, Wellington, faço isso, Prefeito, porque tenho consciência de que não existe, na Humanidade, nenhum momento da história e muito menos no planeta Terra, qualquer país que tenha se desenvolvido sem que tivesse, antes, havido um forte investimento na educação. Por detrás de uma universidade vem o conhecimento, vem o desenvolvimento, vem a fábrica, vêm os empregos, vem o comércio, vêm os hotéis, vem a melhoria da cidade, porque quando uma fábrica quiser procurar uma cidade no Piauí para investir ou para construir uma empresa, ela vai falar “espera aí, onde tem mão-de-obra qualificada?” Ela vai mapear as cidades e é naquele lugar que tem mão-de-obra qualificada que ela vai se implantar. E esta cidade aqui tem duas vocações que não dependem do Prefeito, não dependem do Governador e não dependem do Presidente, foi Deus quem deu: a pesca e o turismo. O mar e a beleza desta região são dádivas de Deus. Portanto, o que Deus espera de nós é que não sejamos incompetentes para estragar o que Ele fez, apenas melhorar, aperfeiçoar e fazer aquilo que Ele não pôde fazer porque, também, era moleza demais Ele fazer tudo. Ele teve que deixar um pouquinho para testar a nossa sapiência, a nossa competência e a nossa vontade de fazer as coisas.

Então, eu estou otimista, Wellington, porque não é apenas o ensino fundamental e a universidade, é o ensino técnico. Só para você saber, nós estamos fazendo 32 novas escolas técnicas profissionais, das quais 25 nós vamos inaugurar até junho. Isso deixa as pessoas que não gostam de nós



muito nervosas. “Por que eles vão inaugurar? Não pode inaugurar. Este é um ano que tem eleição, então o Lula não pode viajar, ele tem que ficar sentado na cadeirinha dele, de Presidente, esperando as pessoas irem lá pedir dinheiro”. Não vou, vou sair para a rua porque é exatamente na rua que está a compreensão das coisas que nós fazemos.

Meus queridos companheiros e companheiras, vou terminar dizendo duas coisas aos nossos companheiros temporais da PEC 54/99. Na semana passada foi aprovado na Câmara o reconhecimento de todos os agentes de saúde como funcionários públicos. Vejam, nós temos muitas distorções no governo, e já pedi para o meu assessor ir conversar com vocês, eu vou tratar com carinho para ver esse negócio: o que é? Quanto custa? O que a gente pode fazer.

Também recebi uma pauta de reivindicações do Prefeito, que diz que as reivindicações já estão junto aos ministros. Eu vou apenas alertar. Vi aqui o Senador falar das ferrovias. Senador, eu vou lhe contar uma coisa, esses dias algumas pessoas ficaram nervosas comigo porque eu disse que nós fizemos, em quatro anos, 21% das extensões de rede elétrica que foram feitas em 122 anos. Nós fizemos 21% de tudo que foi feito em 122 anos neste país. No começo de março, Senador, eu vou dedicar uma semana à ferrovia brasileira. Não vou prometer fazer essa ou aquela ferrovia, eu vou dar início às obras na Transnordestina, que pega o porto de Suape, o porto de Pecém e Eliseu Martins, aqui, no estado do Piauí, e que depois vai ter braço para a Bahia, para a Paraíba, para o Rio Grande do Norte. Eu vou inaugurar o trecho de um gargalo da Brasil Ferrovias, que está atrapalhando as exportações brasileiras lá no porto de Santos. Eu vou inaugurar um trecho de obra que estamos fazendo na Ferrovia Norte-Sul, um trecho da rodovia Pantanal, que já tem 90 quilômetros prontos, e vou fazer um estudo da recuperação das ferrovias no Brasil, porque não tem vergonha maior do que este país ter acabado com as ferrovias na década de 60, como aconteceu em quase todo o território nacional. Eu passei agora e vi um resto de ferrovia. Eu vi uma ponte de ferro que deveria



ser forte e muito nobre há 30 anos atrás.

Quando eu terminar o meu mandato, eu não vou morar no estrangeiro, eu vou morar e morrer no meu país e, portanto, recuperar as ferrovias brasileiras é um compromisso nosso com os nossos filhos e com os nossos netos.

Também ouvi, Senador e Prefeito, uma reivindicação de um porto. Um porto que começou no tempo do império e que não está pronto ainda. Eu, como nós estamos numa política muito forte de recuperar os portos brasileiros, estamos recuperando 11, eu vou levar a demanda, porque eu vi gente com faixa dos portos. Eu vou estudar com muito carinho, já está no Ministério dos Transportes e eu vou querer saber o que é que pode ser feito pelo porto de Parnaíba.

Agora, eu quero terminar, porque vi lá no fundo uma faixa dos garimpeiros de Serra Pelada. Tinha um monte de placa ali de garimpeiros. E eu quero te dizer uma coisa: depois de muitos e muitos anos, depois dos garimpeiros serem tratados como bandidos durante décadas neste país, possivelmente em março ou em abril eu vou a Serra Pelada fazer um ato com os garimpeiros, porque nós estamos dando condições aos garimpeiros de voltarem a trabalhar e para que a profissão do garimpeiro, se bem ordenada, seja vista como uma profissão igual a outra qualquer, porque garimpeiro não pode ser visto com bandido a vida inteira neste país, não pode ser visto como marginal.

Nós estamos com o Ministério de Minas e Energia tratando do garimpo de Serra Pelada e nós vamos dar um tratamento nisso, civilizado, como precisa ser feito.

E para terminar eu quero dizer, Prefeito: saio daqui com a alma lavada, saio daqui com a consciência tranqüila da respeitabilidade que você tem deste povo, saio daqui feliz da vida com o carinho que vocês tem com o Wellington. Saio daqui com a certeza que vocês podem ter – embora eu seja pernambucano, more em São Paulo, e agora resida em Brasília – quero dizer



para vocês que o meu velho coração é repartido com o estado do Piauí, que sempre me tratou com um carinho excepcional.

Muito obrigado, que Deus abençoe todos vocês. Vamos trabalhar para que o Piauí continue crescendo e melhorando a vida do seu povo. Tchau!